PALETRAS NO VESTIBULAR DA UFCG: CORRELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS LETRADAS E HISTÓRICO DE LETRAMENTO DOS CANDIDATOS[1]

Elizabeth Maria da Silva - UFCG
Denise Lino de Araújo – UFCG

Resumo

Este artigo tem dois objetivos: (1) averiguar as práticas letradas requeridas na produção da palestra proposta na prova de redação aplicada no vestibular da UFCG em 2007 e (2) analisar as associações entre a mobilização de práticas letradas nas palestras e o histórico de letramento dos candidatos. Trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa de cunho qualitativo cujo *corpus* foi constituído por quatro conjuntos de dados, a saber: (1) prova de redação aplicada no vestibular; (2) amostragem de palestras produzidas; (3) questionário socioeconômico e cultural respondido pelos candidatos e (4) entrevista semi-estruturada realizada com os mesmos. Os dados, analisados com base nos estudos contemporâneos sobre letramento (cf. BARTON & HAMILTON, 2000; GEE, 2000; MEY, 2001; BAZERMAN, 2007), sinalizam, de um lado, a presença de multiletramento na prova e, por outro lado, indicam que o HL dos candidatos parece ser fator decisivo para a mobilização de práticas letradas na redação. Os candidatos que demonstraram as práticas exigidas no vestibular provavelmente tinham familiaridade com eventos de letramento cujas práticas eram semelhantes às exigidas no evento escolhido no exame, já aqueles que as não atenderam de modo adequado parece que tinham mais experiência com o letramento escolar. Assim, os resultados levam-nos a concluir que práticas escolares parecem não ser suficientes para que os vestibulandos demonstrem as práticas multiletradas exigidas na prova.

Palavras-chave: palestra, práticas letradas, histórico de letramento

Abstract

This article has two objectives: (1) to check the literacy practices required in the writing of the talk proposed in the composition test applied at the college entrance exams for the Federal University of Campina Grande, in the year 2007 and (2) to analyse the relationship between the mobilization of literacy practices both in the talks and in the candidates' LH. This research is

[1] Neste artigo, apresentamos parte da dissertação de mestrado intitulada "Histórico de letramento e práticas letradas em redações de vestibular", produzida por Silva (2009) sob a orientação da Profa Dra Denise Lino de Araújo.

descriptive-interpretative, of qualitative nature, whose corpus was composed of four data sets, namely: (1) composition test applied at the college entrance exams, held at the Federal University of Campina Grande in 2007; (2) samples of talks produced during these exams; (3) a socio-economic and cultural questionnaire answered by the candidates, and (4) an semi-structured interview done with them. The data, analysed on the basis of present-day studies on literacy (cf. BARTON 7 HAMILTON, 2000; GEE, 2000; MEY, 2001; BAZERMAN, 2007), show the presence of multiliteracy in the test, and also indicate that the candidates' LH seems to be a decisive factor for the mobilization of literacy practices in the writing of talks. The candidates who demonstrated the practices required by the college entrance examination were probably familiar with literacy events whose practices were similar to those required by the event present in the exam paper, whereas those who did not perform them well may have had more experience with school literacy. Thus, the results have shown that school practices appear to be insufficient for the candidates to demonstrate the multiliterate practices required by the exam.

Key words: talk, literacy practices, literacy history.

Introdução

Com o avanço tecnológico e o desenvolvimento da sociedade, a disseminação do multiletramento tem crescido cada vez mais – letramento digital, midiático, literário, familiar, escolar, dentre outros. Entretanto, nem todos os sujeitos têm acesso a esses letramentos e quando têm, nem sempre é com o mesmo nível de intensidade. Entendemos, desse modo, que a inserção nesse mundo multiletrado é um dos fatores que favorecem a constituição do Histórico de Letramento (HL). Em outros termos, tal inserção contribui para que os sujeitos estabeleçam, inicialmente, contato e, depois, tenham familiaridade, com práticas letradas requisitadas em diferentes eventos de letramento, enriquecendo, assim, seu HL, sua experiência com práticas de leitura e escrita.

Considerando que práticas letradas advindas de diferentes tipos de letramento como o midiático, o literário e o escolar vêm sendo requeridas nas provas de redação aplicadas nos vestibulares da UFCG (artigo de opinião e relato de experiência, UFCG 2005; depoimento e carta denúncia, UFCG 2006; carta protesto e memória, UFCG 2007; análise comparativa de poemas e reportagem, UFCG 2008; abaixo-assinado e artigo jornalístico, UFCG 2009), produzimos (SILVA & LINO DE ARAÚJO, 2009) uma dissertação de mestrado, objetivando analisar que correlação poderia ser estabelecida entre práticas letradas mobilizadas em redações de vestibular e o HL dos candidatos.

Para o presente artigo, traçamos dois objetivos: (1) averiguar as práticas letradas requeridas na produção da palestra proposta na prova de

redação aplicada no vestibular especial[2] da UFCG em 2007 e (2) analisar as associações entre a mobilização de práticas letradas nas palestras e o HL dos sujeitos que as produziram.

Ao que nos parece, além da situação sócio-comunicativa com a qual o candidato teve contato no momento da escrita da redação no vestibular, o seu HL pode ter sido um elemento condicionante no atendimento ou não à proposta de redação. Estamos entendendo, assim, que as práticas de escrita estão enraizadas no HL dos sujeitos, logo, que parece haver uma relação entre o histórico e as práticas, isso porque, como afirmam Barton & Hamilton (2000), um texto não tem significado autônomo, independente do seu contexto social de uso e também não tem um conjunto de funções independentes dos significados sociais com os quais está imbuído.

Verificando a relação que pode ser estabelecida entre as práticas demonstradas pelos candidatos na redação e o seu HL, este artigo poderá oferecer contribuições tanto para as instituições de nível superior, enquanto instituições avaliadoras de exames de vestibular, quanto para as escolas de nível médio, enquanto instituições preparadoras para esses exames. Os resultados deste trabalho poderão apontar, assim, redirecionamentos ou reafirmar seja (n)a elaboração das provas de redação do vestibular, seja (n)a abordagem de redação realizada no ensino médio.Além disso, apresentaremos outra perspectiva de abordagem da redação de vestibular, pautada em gêneros textuais, e correlacionada com o HL dos candidatos que a produziram, oferecendo uma contribuição teórica no campo dos estudos sobre escrita.

Com relação aos aspectos metodológicos, realizamos uma pesquisa de natureza descritivo-interpretativa (cf. ANDRÉ, 1995). Como já afirmamos, o presente artigo integra um estudo mais amplo, cujo *corpus* foi constituído de quatro conjuntos de dados: (1) as provas de redação aplicadas nos vestibulares regular e especial da UFCG em 2007; (2) amostragem de redações produzidas nesses vestibulares; (3) questionário sócio-econômico e cultural elaborado e aplicado pela Comissão de Processos Vestibulares (COMPROV); (4) entrevista realizada pela pesquisadora com os candidatos cujas redações foram selecionadas. Neste trabalho, focalizaremos, a partir do procedimento de triangulação dos dados, a prova aplicada no vestibular especial, bem como uma amostragem de palestras produzidas nesse vestibular, além dos questionários sócio-econômico e cultural e das entrevistas, contendo informações sobre os candidatos selecionados.

Quanto à organização do presente artigo, o dividimos em cinco partes. Na primeira, apresentamos esta introdução; na segunda, explicitamos os

[2] O vestibular especial é realizado no meio do ano. Nesse vestibular, são abertas inscrições para um número menor de cursos, os quais são oferecidos nos *campi* da UFCG localizados em cidades circunvizinhas a Campina Grande.

princípios teóricos adotados; na terceira etapa, fizemos a análise tanto da proposta de produção da palestra, quanto das redações produzidas como resposta a tal proposta; na quarta, tecemos as considerações finais e, por fim, na quinta e última parte, listamos as referências bibliográficas citadas ao longo do texto.

Fundamentos teóricos

Neste item, apresentamos os principais fundamentos teóricos que apoiarão a análise dos dados, a saber, (1.1) estudos contemporâneos de letramento e (1.2) elementos constitutivos desse fenômeno - agência, eventos e práticas.

Estudos contemporâneos de letramento

Tradicionalmente, a maioria dos estudos sobre letramento era ancorada ou na abordagem autônoma ou na ideológica (cf. STREET, 1984). A partir da segunda metade da década de 90, começaram a ser divulgadas novas abordagens de letramento, a exemplo da crítica (cf. BARTON & HAMILTON, 2000; GEE, 2000), sócio-pragmática (cf. MEY, 2001) e sócio-retórica (cf. BAZERMAN, 2007). Mesmo utilizando nomenclaturas diferentes, os estudiosos dessas abordagens comungam de um mesmo princípio – tanto o fator social quanto o individual contribuem com a configuração das práticas letradas demonstradas pelos sujeitos nos diferentes eventos de letramento.

Talvez, o que diferencia os estudos desses pesquisadores seja a sua experiência de letramento. Como diz Saussure (1975, p. 15), "é o ponto de vista que cria o objeto", ou seja, os pesquisadores referidos definem seu objeto de estudo, ora enfatizando o aspecto social ora o individual, com base, provavelmente, em seu HL, em suas práticas letradas, as quais foram adquiridas ao longo dos tempos. Geertz (1997, p. 11) ratifica a assertiva saussuriana, dizendo que "aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo (...) as formas de saber são sempre inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros".

As afirmações citadas acima estão em plena concordância com os recentes estudos de letramento referidos, já que há, em tais estudos, uma articulação entre os usos e os significados da escrita, o contexto sócio-cultural em que aparecem, assim como o HL daqueles que utilizam a escrita.

Os pesquisadores dessas recentes concepções de letramento entendem, de modo geral, que a leitura e a escrita, interligadas ao contexto sócio-histórico em que aparecem, são atividades humanas complexas, intimamente relacionadas às pessoas e aos lugares onde são utilizadas. Além de

considerarem o contexto como um elemento importante para se entender as práticas letradas demonstradas em uma dada situação, destacam a relevância de analisar a história de vida do sujeito, a influência do seu HL, constituído a partir da inserção no mundo multiletrado.

Trabalhos pautados nos estudos contemporâneos de letramento vêm, desse modo, confirmar que o conhecimento de diferentes práticas letradas de determinados grupos sociais e comunidades é fundamental para entendermos o letramento enquanto um fenômeno plural. Com isso, começa-se a reconhecer eventos e práticas em variadas agências tais como a igreja, a escola, os sindicatos, como bem destacam Barton & Hamilton (2000, p.11) "há diferentes letramentos associados a diferentes domínios de vida, como a família, o trabalho e a escola". Os letramentos estão associados também ao perfil sócio-econômico e cultural dos sujeitos, conforme afirma Soares (1998, p. 80):

Pessoas ocupam lugares sociais diferentes e têm atividades e estilos de vida associados a esses lugares enfrentam demandas funcionais completamente diferentes: sexo, idade, residência rural ou urbana e etnia são, entre outros, fatores que podem determinar a natureza do comportamento letrado.

Nesse sentido, as práticas de escrita parecem estar enraizadas no HL dos sujeitos, os quais se constituem tanto a partir do contato com os letramentos quanto devido ao seu perfil sócio-econômico e cultural; logo, parece haver uma relação entre esse histórico e a produção textual. Entretanto, vale salientar que o HL não é elemento determinante das atitudes e comportamentos dos sujeitos, é, na verdade, *um dos elementos* que podem interferir nas práticas por eles demonstradas em eventos de letramento.

Há várias pesquisas no campo do letramento crítico, por exemplo, em que pesquisadores têm sinalizado a influência do multiletramento na história de vida de professores e de graduandos (cf. GUEDES-PINTO et all, 2005; SIGNORINI, 2005; COELHO, 2005; ALMEIDA, 2001; CAMPOS, 2001; GUEDES-PINTO, 2001). Outros pesquisadores têm demonstrado que o perfil sócio-econômico e cultural dos sujeitos influenciava-os na prática da leitura (cf. TERZI, 1995 e DELL'ISOLA, 1988) e na constituição de sua identidade (cf. RIBEIRO, 2005). Todas essas pesquisas ratificam que o ambiente sócio-cultural no qual o sujeito está inserido interfere na sua atuação seja enquanto aluno, seja enquanto professor, seja enquanto cidadão. Por isso, o conhecimento de sua história ajuda-nos a entender melhor suas posturas, comportamentos e crenças.

Portanto, sem a preocupação de nos prender às terminologias utilizadas pelos estudiosos das recentes abordagens de letramento, para nós, o mais relevante é compreendê-lo como fenômeno plural cujas práticas não são universais nem homogêneas, pelo contrário, modificam-se de acordo com as

circunstâncias, os usos e a história daqueles que recorrem às mesmas. Logo, considerar o imbricamento do contexto social no qual os sujeitos estão inseridos com o seu HL parece-nos relevante para entendermos a correlação entre as práticas letradas demonstradas pelos candidatos e o seu HL.

Elementos constitutivos do letramento - agência, eventos e práticas

As agências letradas dizem respeito às áreas da vida (casa, trabalho, escola, igreja, etc.) dos sujeitos, as quais estão associadas a diferentes letramentos – escolar, acadêmico, midiático, familiar, político, religioso, profissional, entre outros. Nessas agências, aparecem eventos de letramento, que, por sua vez, requisitam determinadas práticas letradas.

Barton & Hamilton (2000), Marcuschi (2001), Kleiman (2001), Lopes (2006), esses três ancorados naqueles, defendem que os eventos de letramento são situações comunicativas *mediadas* por textos escritos, já que, para ser um evento, não é necessária a presença de um texto escrito graficamente, mas a retomada, pela modalidade oral, da ideia de um determinado texto. As aulas expositiva-dialogadas, ministradas pelos professores, por exemplo, são eventos, uma vez que o discurso do professor, assim como do aluno, está pautado em experiências de leitura, no conhecimento de mundo que ambos têm quanto ao tema focalizado na aula.

Já as práticas letradas são definidas por Barton & Hamilton (2000) como sendo maneiras culturais como as pessoas usam a língua escrita na sua vida. Entretanto, não é permitido às pessoas usá-la da forma que quiseram, quando, onde e com quem preferirem. As práticas são formadas por regras sociais que regulam o uso e a distribuição dos textos, prescrevendo quem pode produzir ou ter acesso aos mesmos. Tais regras foram constituídas pelas agências de letramento. Logo, cada sujeito demonstra determinadas práticas conforme a agência da qual ele participa, haja vista que as práticas letradas articulam as atividades de leitura e escrita às estruturas sociais em que elas são embutidas e que ajudam a formar (cf. BARTON & HAMILTON, 2000; MARCUSCHI, 2001).

Nesse sentido, a prática letrada não é a mesma em todas as situações, pelo contrário, dependerá dos eventos que se configuram nos vários tipos de letramento. Se estamos imersos em uma sociedade cada vez mais dinâmica e complexa e, em consequência disso, temos a possibilidade de ter acesso a diferentes tipos de letramentos, há sujeitos, diríamos, não apenas letrados em uma dada agência, mas multiletrados. Isso favorece o surgimento de níveis de letramento – sujeitos mais letrados em certos letramentos em detrimento de outros, mas dificilmente iletrados, pois, dependendo do seu HL, eles podem demonstrar determinadas práticas letradas no lugar de outras, mas dificilmente deixarão de demonstrar algum tipo de prática.

Será que um sujeito que tem domínio do letramento digital obrigatoriamente teria também do escolar? Há vários sujeitos que interagem adequadamente na internet, trocando e-mails, enviando scraps no orkut, teclando no msn, postando mensagens em blogs ou em fóruns, todavia, sentem dificuldades de produzir as redações solicitadas no vestibular, como palestra, resenha, memória e carta protesto. Tal fato acontece porque algumas práticas letradas requeridas nos eventos que se configuram na agência digital são distintas das exigidas nos eventos presentes em outras agências, como por exemplo, a midiática.

Diferentemente da alfabetização, que é temporária e termina assim que o sujeito conclui seus primeiros anos de escolarização, o letramento é um processo constante e infinito, visto que, a cada dia, novas agências, novas situações sócio-comunicativas surgem e, consequentemente, novos tipos de letramento, novos eventos, exigindo determinadas práticas letradas, às vezes peculiares, às vezes já conhecidas, apenas atualizadas. O contato com tais práticas contribui para a constituição do HL dos sujeitos. Por isso, a importância de se conhecer esse HL antes de analisar determinadas práticas por si mesmas, descontextualizadas. O sujeito que escreve tem uma história, da qual não se desprende no momento de escrever seu texto, pelo contrário, recorre, em geral, a ela para atender às exigências de determinados eventos de letramento.

Com isso, entendemos que a escola parece não ser mais a principal agência de letramento como defende Kleiman (1995), mas outras agências como a midiática (cf LINO DE ARAÚJO, 2004), a religiosa e a familiar, por exemplo, vêm ganhando espaço socialmente e influenciando cada vez mais os sujeitos. Os dados de nossa pesquisa (SILVA & LINO DE ARAÚJO, 2009) sinalizam, inclusive, que o atendimento às práticas requeridas pela prova de redação aplicada pela UFCG em 2007 deu-se mais pelo contato que alguns candidatos tinham com o letramento literário, familiar, religioso e midiático do que com o escolar.

Ratificamos que a escola não deixou de ser uma agência letrada, apenas parece-nos não ser mais a principal agência. A trajetória política do Presidente da República do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, talvez ilustre nossas considerações. Embora seu contato com o letramento escolar tenha sido bastante limitado, estudou aproximadamente até a 2ª fase do ensino fundamental, o contato que estabelecia com práticas letradas advindas de eventos de letramento oriundos da agência sindicalista, da qual fez parte durante muito tempo, além das conversas com grandes intelectuais como Antonio Candido contribuíram, provavelmente, para que consolidasse as práticas requeridas pelos eventos característicos da agência política (comícios, negociações, pronunciamentos, etc.). Em outras palavras, no caso do presidente brasileiro, a escola não foi tão decisiva para que ocupasse o cargo político que

ocupa desde 2002, mas outras agências letradas interferiram em sua atuação de maneira mais significativa.

Portanto, consideramos que todas as agências podem ser consideradas importantes, dependerá do contato que os sujeitos estabelecem com as práticas letradas exigidas pelos eventos dessas esferas.

Análise

Esta parte é constituída de duas seções. Na primeira, averiguamos as práticas letradas exigidas na produção da palestra; na segunda, correlacionamos as práticas demonstradas pelos candidatos (doravante C1 e C2) com seu HL.

Práticas letradas requeridas na prova de redação

Observando a prova de redação aplicada em 2007 no vestibular da UFCG, notamos, à semelhança das provas realizadas em 2005 e 2006 (cf. SILVA & LINO DE ARAÚJO, 2006), a apresentação de uma proposta textual, na qual são indicados dois gêneros dos quais os candidatos deveriam escolher apenas um para produzir. Tendo-o escolhido, os vestibulandos deveriam atender a, pelo menos, três práticas letradas, a saber: participação no jogo enunciativo da prova (JEP), adequação do texto ao tema proposto e uso do registro escrito formal da língua portuguesa. Vejamos de que forma essas práticas são requeridas na prova:

Exemplo 1

REDAÇÃO

Escolha UMA das duas situações comunicativas apresentadas a seguir, e redija seu texto, com 20 linhas, no mínimo, e 25, no máximo.

SITUAÇÃO I

A Editora Globo reeditou o romance de Érico Veríssimo *Clarissa*. A revista Época, interessada pela temática desse romance, achou conveniente publicar uma resenha sobre ele. Como resenhista de veículos de comunicação escrita, escreva essa RESENHA, para ser publicada na revista semanal Época, que tem como leitores público jovem e adulto, com grau de escolaridade médio e superior.

ATENÇÃO!!!

RESENHA é entendida, nesta prova, como um gênero textual que apresenta, de forma sintética, uma obra

(características, informações, forma...) acompanhada de uma avaliação, com o objetivo de oferecer informações que orientem o leitor sobre a leitura ou não dessa obra. O registro linguístico é o formal.

Para escrever sua resenha, inclua o resumo do enredo, comentários sobre a personagem central e sobre a ambientação em que a narrativa se desenvolve.

SITUAÇÃO II

Imagine-se como um profissional que teve dificuldade de escolher sua profissão e que deverá proferir uma PALESTRA, para um público formado por jovens e seus pais, sobre a escolha de um curso superior.

ATENÇÃO!!!

PALESTRA é entendida, nesta prova, como um gênero de texto que, mesmo sendo apresentado oralmente, é previamente escrito, desenvolvendo-se o tema proposto. A profundidade com que se explora o tema depende do público alvo e do tempo de que se dispõe. Escrito em registro formal, pode conter expositivas, argumentativas, narrativas e/ou descritivas.

Para auxiliá-lo a planejar sua palestra, releia os textos I e II. Não copie partes dos textos, sem que sejam indicadas as fontes e sem que elas fundamentem sua argumentação ou exposição.

(Prova de redação do vestibular especial UFCG 2007)

Podemos observar na prova apresentada uma relação intragênero, já que no interior do gênero prova de redação é solicitada a produção de outros gêneros, resenha e palestra. Nessa relação intragênero, os candidatos deparam-se com dois jogos enunciativos: o proposto pela prova – assumirem o papel social indicado nas instruções referentes ao gênero escolhido e escreverem para o locutor sinalizado – e outro escolar (JEE) – produzirem um texto com o objetivo de serem avaliados pela banca corretora do vestibular.

Esse JEP consiste no aceite da mudança de posição enunciativa – de vestibulando para a posição indicada na situação comunicativa proposta na prova. Ainda que o sujeito estivesse ocupando a posição enunciativa de candidato que deve escrever a redação com vistas a ser avaliado no tocante a uma vaga no ensino superior, JEE, deve, no momento da produção textual, assumir uma das posições enunciativas sugeridas nas propostas de redação.

A noção de jogo enunciativo foi estudada também por Lino de Araújo (2004), quando analisou o telejornal Jornal Nacional, transmitido pela Rede Globo de televisão. Segundo a autora, os sujeitos responsáveis pela transmissão de informações não assumiam a posição enunciativa de repórteres – aqueles que estão preocupados com o simples repasse de notícias –, mas ocupavam, pelo menos, duas posições enunciativas diferentes, a saber: a de "defensores públicos", já que criticavam as ações governamentais e reclamavam quanto ao descaso por parte dos políticos, defendendo, assim, os cidadãos, e a de "professores", uma vez que instruíam/ensinavam os telespectadores como poderiam economizar energia, pois estavam em período de racionamento.

Desse modo, assim como os repórteres assumem posições enunciativas diferentes como constitutivas do telejornal Jornal Nacional, fato que diferencia esse telejornal de outros, os candidatos ao vestibular da UFCG são incumbidos de assumir uma posição enunciativa que, provavelmente, não é a sua, como indício de que estão atendendo a uma das práticas letradas requisitadas pela prova, o que contribuirá para que obtenham êxito na redação.

O JEP é sinalizado no início das instruções dadas para a produção de cada gênero, no item SITUAÇÃO, pelo uso do verbo "imagine", cuja carga semântica aponta para uma escrita fundamentada numa criação, num convite para o candidato "esquecer" a sua posição enunciativa, vestibulando, e assumir outra, *profissional que teve dificuldade de escolher sua profissão*, no caso da produção da palestra, objeto de análise deste artigo. Tendo assumido a posição enunciativa indicada, o candidato deverá produzir a palestra para pais e filhos.

Os JEP são recorrentes nas provas de redação em que é solicitada a produção de um gênero textual, isso porque, embora sejam indicados o objetivo da produção, o público alvo e o ambiente de circulação do gênero, o destinatário é o corretor de redações de vestibular que as avalia com o objetivo de selecionar candidatos que almejam uma vaga no ensino superior.

Dessa forma, as situações comunicativas propostas na prova, assim como acontece normalmente na escola, não se concretizam efetivamente, mas servem para orientar a escrita dos candidatos, de modo que não pensem que a escrita é um dom (cf SERCUNDES, 1998) e, portanto, que não é necessário conhecer o objetivo do texto nem o interlocutor alvo antes de escrever.

A inserção no JEP implica, além de adequar o texto às condições de produção, respeitar a estrutura composicional do gênero, as quais foram, brevemente, descritas na prova no item *ATENÇÃO!!!*:

A palestra é um gênero de texto que, mesmo sendo apresentado oralmente, é previamente escrito, desenvolvendo-se o tema proposto. A profundidade com que se explora o tema depende do público alvo e do tempo de que se dispõe. Escrito em registro formal, pode conter expositivas, argumentativas, narrativas e/ou descritivas.

Em relação à segunda prática letrada requerida, adequação do texto ao tema indicado, os candidatos deveriam participar do JEP contemplando o seguinte tema: *escolha profissional*. Ainda que não tivessem conhecimento prévio do assunto, a contribuição temática foi oferecida na prova, uma vez que os textos apresentados na prova de língua portuguesa – "Como escolher a carreira certa" e um trecho do livro "Casa de Pensão"– tratavam, direta ou indiretamente, do tema focalizado na redação.

Desse modo, os candidatos poderiam fazer referência, em suas produções, a esses textos, na condição de subsidiar a argumentação presente no gênero produzido, conforme orientação dada na prova – *Não copie partes dos textos, sem que sejam indicadas as fontes e sem que elas fundamentem sua argumentação ou exposição*. O oferecimento de contribuição temática é outro elemento que favorece a configuração do JEP, pois, mesmo sendo um contexto de seleção, em que a avaliação é pautada única e exclusivamente no produto, desconsiderando, portanto, a identidade e o HL dos candidatos, a banca elaboradora da prova apresenta uma proposta de redação pautada na concepção de escrita como processo. Uma das características dessa concepção é a de que para escrever é preciso ter o que dizer, sendo a intertextualidade um fator importante para tal, visto que contribui com a consistência argumentativa apresentada pelo sujeito, o qual poderá fazer, no seu texto, referências a outros textos seja com o objetivo de concordar com as ideias expostas seja com o de refutá-las.

Confirma-se, assim, o JEP, já que, embora a redação deva ser escrita com fins avaliativos, tem-se a preocupação de oferecer a todos os candidatos os elementos norteadores da produção textual em situações sócio-comunicativas reais – produção do gênero solicitado, articulando a estrutura composicional do mesmo às condições de produção dadas, assim como ao tema indicado.

Finalmente, a terceira prática letrada requerida na prova de redação diz respeito ao uso do registro escrito formal da língua portuguesa, tanto porque é característico do gênero solicitado como por causa da exigência do concurso vestibular.

Vale salientar que, apesar de termos feito comentários sobre cada uma das práticas letradas requeridas pela prova de redação, o fizemos pela complexidade do objeto de investigação e por questões didáticas, haja vista que as consideramos imbricadas e interligadas. Por isso, a análise dos dados, que será apresentada no próximo item, está organizada em função da primeira prática letrada requerida pela prova de redação, JEP, as outras duas práticas (adequação do texto ao tema e o uso do registro escrito formal) encontram-se diluídas nesta.

Práticas letradas correlacionadas com o HL dos candidatos

Palestras, letramento familiar e midiático

Os candidatos que se inseriram no JEP referente à produção da palestra disseram que nunca haviam escrito o gênero, porém, ou já o haviam lido em Revistas, ou em casa (escrito por familiares), ou, ainda, assistido a palestras em agências letradas a exemplo da midiática. Vejamos a redação que segue.

Exemplo 2

Caminho e escolhas: dúvidas persistentes[3]

Boa tarde, sou a coordenadora do curso de Medicina da universidade federal de campina Grande e fui escolhida para ministrar a palestra sobre escolha de profissão, por ter feito vários outros cursos antes de descobrir que a minha vocação era ser médica.

O primeiro fato que se deve ter em mente é que não importa qual será a sua profissão, você deverá estar sempre se atualizando para se destacar no mercado competitivo de trabalho. Não poderá parar de estudar.

Outro fator importante é que é permitido errar. A profissão escolhida este ano pode não ser daqui à duas décadas. Existem casos de pessoas com cinquênta, sessenta anos que descobrem que gostariam de seguir seus sonhos e começam a lutar por isso. Portanto, permita-se recomeçar sempre que perceber estar errados.

Agora que deixamos a pressão de lado, na escolha de um emprego o fundamental é gostar do que faz, assim, você jovem, antes de marcar aquele x na opção do curso, deve parar e refletir sobre as coisas que mais gosta de fazer e aquelas que não suporta. Quais matérias você gosta mais de estudar, com que área você se identifica mais.

Já aos pais cabe orientar os filhos sobre qual o melhor caminho a seguir e não impôr um caminho por pensarem ser o mais correto.

Assim, pensem sobre seus gostos e o que o deixaria mais feliz. Sigam seus corações pois este sim indicará o caminho certo.

(C1 - Redação produzida no vestibular especial UFCG 2007)

[3] As redações foram transcritas tal como aparecem no *corpus*.

Podemos observar na redação exposta que C1 participou, de fato, do JEP, uma vez que, provavelmente considerando a organização das palestras com as quais disse já ter tido contato, escreveu a sua respeitando a estrutura composicional do gênero, bem como as condições de produção indicadas na prova – imaginar-se como uma pessoa experiente no tocante à escolha profissional e proferir uma palestra para pais e filhos quanto a esse assunto.

Tendo assumido o papel social de palestrante, inicia a palestra, conforme prática letrada exigida nesse evento: saudação inicial – *boa tarde* – seguida de sua apresentação pessoal – *coordenadora do curso de Medicina da universidade federal de campina Grande* – e do motivo pelo qual foi escolhida para proferir a palestra – *fui escolhida para ministrar a palestra sobre escolha de profissão, por ter feito vários outros cursos antes de descobrir que a minha vocação era ser médica.*

No segundo e no terceiro parágrafos, C1 apresenta duas ressalvas quanto à escolha profissional que são, respectivamente, (1) o indivíduo deverá sempre, independentemente do curso escolhido, atualizar-se e (2) é permitido errar na escolha da profissão, adequando sua fala ao tema indicado na prova, escolha profissional.

No quarto e no quinto parágrafos, o candidato direciona seu discurso para o público ao qual se destina a palestra, jovens e pais, confirmando, mais uma vez, sua inserção no JEP – ele não fez apenas uma exposição ou desenvolveu uma argumentação isolada/descontextualizada, mas direcionou seu discurso para os supostos destinatários de sua palestra.

Ao se dirigir aos jovens, C1 disse:

> Na escolha de um emprego o fundamental é gostar do que faz, assim, você jovem, antes de marcar aquele x na opção do curso, deve parar e refletir sobre as coisas que mais gosta de fazer e aquelas que não suporta. Quais matérias você gosta mais de estudar, com que área você se identifica mais.

O uso do pronome "você" marca, explicitamente, a tentativa do palestrante de interagir com os jovens, prática letrada requerida pelo evento de letramento aqui focalizado. Tendo-os aconselhado, C1 dirige-se aos pais destes e pede a eles que *orientem os filhos sobre qual o melhor caminho a seguir e não imponham um caminho por pensarem ser o mais correto.* Tal conselho ratifica também a participação de C1 no JEP, dado que direciona sua fala para o público alvo indicado na prova e o aconselha quanto à forma pela qual deve lidar com a escolha profissional, tema proposto.

No último parágrafo, C1 finaliza sua palestra, dirigindo-se novamente aos jovens, aconselhando-os para que *pensem sobre seus gostos e o que o deixaria mais feliz. Sigam seus corações pois este sim indicará o caminho*

certo. Observamos que o desfecho da palestra é marcado pela função conativa da linguagem, como sugere o uso dos verbos "pensem" e "sigam", que foram empregados no modo imperativo, evidenciando um convite, um apelo. Sendo um profissional experiente no assunto focalizado na palestra, como destacou no primeiro parágrafo, C1 conclui sua fala dando sugestões aos jovens no tocante à escolha profissional, outra prática letrada típica do evento palestra.

Entendemos que nossos comentários a respeito do ingresso de C1 no JEP podem ser respaldados pelo HL desse candidato. Desde pequeno, de acordo com entrevista, disse que gostava muito de escrever desde textos relativamente informais como roteiros teatrais até textos técnicos como procurações para seu pai, que é advogado. O ato de escrever para C1 parece ser cotidiano, heterogêneo e feito por prazer, sem ligação com as determinações escolares, até porque os gêneros por ele destacados dificilmente são abordados nessa instituição.

A nosso ver, essa familiaridade com a escrita permite o desenvolvimento das habilidades e competências de tal modalidade linguística, favorecendo a produção dos diversos textos com os quais o sujeito se depara, a exemplo da palestra, solicitada na prova de redação do vestibular. Ainda que nunca a tivesse escrito, C1 afirmou na entrevista que não sentiu dificuldades para produzi-la: *eu nunca escrevi uma palestra, mas só que eu tinha noção. Eu já vi várias palestra, tendeu: Ai eu sabia como fazia (...) eu vi uma ou outra por escrito do meu pai e... só assistindo o resto (...) Meu pai costuma proferir palestra por causa do trabalho dele.* C1 entende, assim, que o fato de nunca ter escrito uma palestra não o prejudicou na redação de vestibular, porque ele tinha noção do gênero e, sobretudo, assistiu a várias palestras, ou seja, parece que tinha um contato intenso com o gênero. A exposição a esse modelo de texto, na agência familiar e em outras agências de letramento não especificadas por C1, deve ter favorecido a apreensão das práticas letradas que regem tal evento. Essa apreensão de práticas pode ter sido realizada tanto a partir do contato com a escrita – leu palestras – quanto do comparecimento ao evento de letramento – assistiu a palestras.

Isso permite inferir a transposição de práticas letradas para a prova de redação. C1 talvez não tenha sentido dificuldades de fazer isso, visto que afirmou ser acostumado a escrever e já ter "noção" do gênero solicitado no vestibular, fatores que devem ter contribuído para que se sentisse confiante/seguro no momento de produzir a redação. Além disso, afirmou que, em casa, sempre teve contato com práticas letradas, pois seus pais liam e escreviam constantemente, sobretudo, por causa das suas atividades profissionais. Essa exposição às práticas familiares deve ter interferido também na constituição do HL de C1, bem como favorecido a sua inserção nesse meio, chegando, inclusive, a produzir procurações para seu pai, conforme afirmamos anteriormente.

Vale destacar finalmente que o contato com as práticas letradas escolares parece não ter sido um dos fatores decisivos para que C1 atendesse às práticas requeridas pela prova de redação do vestibular. Isso porque, segundo ele, não estudou, na escola, como elaborar e/ou proferir uma palestra, pelo contrário, seu desempenho na prova deu-se, provavelmente, pelo contato estabelecido com o gênero em outras agências letradas a exemplo da familiar.

Palestras, letramento escolar

Ainda que as instruções referentes à participação no JEP tenham sido explicitamente apresentadas – produção de uma palestra destinada a jovens e seus pais sobre a escolha profissional –, a maioria dos candidatos opta pela inserção no JEE, produzindo uma dissertação sobre o tema indicado na prova. Vejamos a redação escrita por C2.

Ex.: 3

O futuro em nossas mãos

Escolher a profissão que se quer seguir no futuro, além de não ser uma tarefa fácil como se imagina, requer um amadurecimento adequado à idade de quem está prestes a fazer sua escolha profissional. Escolha essa que, inevitavelmente, sofrerá forte influência dos amigos mais próximos e, principalmente, dos pais.

Estar maduro para escolher uma profissão não é sinônimo de ter uma idade específica, a partir da qual há obrigação de uma escolha, mas sim ter experiências de vida suficientes para saber o que se quer e o que não se quer para o futuro. E para que isso aconteça, é preciso encarar alguns desafios e situações difíceis, pois somente assim se terá argumentos para escolher essa ou aquela profissão.

Por se tratar de uma decisão séria, pode-se pedir a ajuda sábia dos mais vividos, assim como conversar com aqueles que passam pelam mesma situação. Mas deve-se atentar para uma questão: a resposta final é sua, pois o futuro em questão é o seu e ninguém pode direcioná-lo melhor que você.

Confesso que é chato e, às vezes, até constrangedor ter uma certa idade e ainda depender financeiramente dos pais, mas não deve ser por esse motivo que se escolha qualquer profissão; apenas pelo dinheiro. Pois nem sempre o caminho mais fácil é o melhor.

Pelas diversas dificuldades enfrentadas e pela certeza de um futuro promissor, aconselho a todos que se sentem despreparados ou imaturos diante da escolha de sua futura profissão, que busquem o conhecimento interior, assim como o exterior, com sabedoria e pureza, pois só através das

experiências você se descobrirá um ser humano inserido num mundo que oferece infinitas oportunidades de realizações.

(C2 – Redação produzida no vestibular especial UFCG 2007)

Observemos que C2 não começa o texto, saudando os interlocutores nem se apresentando ou mesmo dizendo o objetivo da palestra, práticas letradas requeridas por esse evento. Pelo contrário, desconsiderando as regras estabelecidas no JEP, não assume, nesse momento, a posição enunciativa indicada na prova, especialista no tocante à escolha profissional que deveria conferir uma palestra sobre esse tema destinada a jovens e seus pais. Tal candidato, na verdade, insere-se no JEE e produz o texto com um objetivo bem pragmático – obter boa pontuação para facilitar seu ingresso na universidade. Para tal, organizou as ideias do texto de forma semelhante ao que acontece no gênero dissertação escolar: tese, argumentos e conclusão.

No primeiro parágrafo, C2 apresenta a sua tese – a escolha profissional não é uma tarefa fácil, exigindo tanto amadurecimento como escuta de conselhos de pessoas mais experientes. Tendo exposto a tese, nos três parágrafos seguintes, C2 procura convencer os leitores quanto a sua opinião, apresentando, para tal, argumentos.

No segundo parágrafo, explica o que é estar maduro para escolher uma profissão – *é ter experiências de vida suficientes para saber o que se quer e o que não se quer para o futuro*. No terceiro, destaca a importância de *pedir a ajuda sábia dos mais vividos, assim como conversar com aqueles que passam pela mesma situação* e, ao mesmo tempo, faz a ressalva de que *a resposta final é sua, pois o futuro em questão é o seu e ninguém pode direcioná-lo melhor que você.*

A ressalva feita por C2, marcada linguisticamente pelo uso do pronome possessivo "sua" e do pronome de tratamento "você", sinaliza a tentativa do candidato de participar do JEP – palestrante interagindo com seu público alvo. Todavia, no parágrafo seguinte, C2 retorna ao JEE, visto que continua argumentando sem direcionar sua fala para o público definido no JEP. Isso é ratificado quando faz uma afirmação, no seu texto, sobre os pais, os quais supostamente estariam ouvindo-o: [é] *constrangedor ter uma certa idade e ainda depender financeiramente dos pais, mas não deve ser por esse motivo que se escolha qualquer profissão.*

No último parágrafo do texto, C2 tenta novamente participar do JEP, dirigindo-se aos jovens, público alvo da palestra, dizendo que:

> aconselho a todos que se sentem despreparados ou imaturos diante da escolha de **sua futura profissão**, que busquem o conhecimento interior, assim como o exterior, com sabedoria

> e pureza, pois só através das experiências **você se descobrirá** um ser humano inserido num mundo que oferece infinitas oportunidades de realizações.
>
> [grifos nossos]

Embora o desfecho do texto esteja pertinente aos desfechos das palestras – resumindo os argumentos apresentados, o palestrante aconselha seu público sobre o assunto focalizado em sua fala, conforme partes destacadas –, entendemos que fazê-lo somente na conclusão não é suficiente para efetivar a inserção do candidato no JEP. A posição enunciativa de vestibulando parece ter sido predominante na redação, uma vez que a argumentação desenvolvida por C2 parece ter sido direcionada, ao longo do texto, para o corretor das redações do vestibular.

O conhecimento do HL de C2 ajuda-nos a compreender um pouco as atitudes desse candidato. Quando indagado se já havia produzido o gênero palestra, afirmou que *Não. Nem mesmo estudado sobre. A sorte é que eu já tinha uma ideia de como uma palestra ocorria e eu tentei escrever o que eu só conhecia na prática. Senti um pouco de dificuldade, pois não sabia as regras para escrever* [grifos nossos]. Diferentemente de C1, candidato que participou do JEP por causa, provavelmente, da intensa exposição, em agências letradas, ao gênero palestra, C2 não teve tal exposição, disse apenas que tinha uma "ideia", já que a "conhecia na prática". Em virtude disso, afirmou ter sentido dificuldade de escrevê-la na prova de vestibular.

Segundo C2, o que lhe prejudicou no momento da produção da palestra foi o não exercício do gênero. Ainda que tivesse assistido a algumas palestras, disse que nunca havia produzido, não sabia como organizá-la por escrito. Reconhece, assim, que os textos orais têm certas especificidades que os diferenciam dos escritos e que, no caso dele, considerando seu HL, somente o fato de ter assistido a palestras não foi suficiente para que demonstrasse as práticas letradas requeridas por tal evento.

Não se sentindo confiante para escrevê-lo, C2 recorre à estrutura composicional do gênero com o qual se deparou, provavelmente, durante muitos anos na escola, a dissertação, gênero em que predomina o uso de sequências textuais expositivas e argumentativas, como acontece na palestra. Uma das diferenças básicas entre esses gêneros, cujo não cumprimento fez com que C2 não entrasse no JEP, mas se inserisse no JEE é que na palestra, o sujeito interage com os leitores, característica não perceptível na dissertação.

Enquanto na dissertação, os alunos escrevem para os professores com o objetivo de serem avaliados (cf. SOUZA, 2003); na palestra, uma pessoa especialista em uma determinada área palestra sobre um dos temas de sua especialidade para um público interessado e interagindo, na medida do possível, com esse público. No caso do JEP, os candidatos deveriam se

imaginar assumindo esse papel de especialistas na área da escolha profissional e escrever uma palestra para jovens e seus pais.

Sendo assim, parece-nos que, conforme a entrevista, o fato de só ter tido uma "ideia" do gênero palestra e de que sua prática de escrita estava mais relacionada com o letramento literário – *gosto muito de escrever crônicas* – não favoreceu o processo de transposição de práticas letradas de um evento para outro, uma vez que nas palestras predomina, em geral, o uso de sequências expositivas e argumentativas, como já dito, ao passo que nas crônicas, as narrativas.

Considerações finais

Considerando os objetivos indicados no presente artigo, verificamos que, na prova de redação aplicada no vestibular especial da UFCG em 2007, foram exigidas três práticas letradas, a saber, participação no jogo enunciativo da prova, adequação do texto ao tema indicado e uso do registro escrito formal da língua portuguesa.

Essas práticas, especialmente a primeira, sinalizam o efeito retroativo dos novos estudos linguísticos sobre escrita – gêneros textuais e letramentos – na elaboração das propostas de redação apresentadas nas provas referidas. Há, dessa forma, uma ampliação nas práticas letradas que até então são solicitadas na maioria das provas de vestibular aplicada no Brasil, as escolares (em geral, exige-se a escrita de uma dissertação).

Nessa ampliação de práticas letradas, contempla-se a complexidade das práticas da sociedade, requisitadas em eventos de letramento configurados em diferentes agências letradas, conforme observado nas provas em questão – além do letramento escolar, outros letramentos, a exemplo do literário e do midiático, estão subjacentes a tais provas tendo em vista a solicitação, respectivamente, dos gêneros memória e palestra. Isso implica dizer que o letramento escolar parece não ser suficiente nem o único que pode ajudar os candidatos a demonstrar as práticas letradas exigidas nas provas focalizadas.

Nessa perspectiva, constatamos (SILVA & LINO DE ARAÚJO, 2009) que os candidatos que participaram do JEP, embora tenham dito que nunca haviam escrito o evento escolhido no vestibular, afirmaram que tinham familiaridade com eventos de letramento cujas práticas eram semelhantes às exigidas naquele. Essa familiaridade deve ter favorecido o processo de transposição de práticas letradas de um evento para outro. Além disso, eles afirmaram que estavam acostumados a escrever e que o faziam por prazer, sinalizando experiência com a prática de escrita. Já aqueles que participaram do JEE em detrimento do JEP disseram ter mais experiência com o letramento escolar. Disseram que produziam textos escolares e, em geral, o faziam tendo em vista as exigências da escola e/ou do vestibular. Esse contato limitado com

práticas de escrita deve ter contribuído com a mobilização, na prova, de práticas escolares.

Com relação, mais especificamente, à produção da palestra, focalizada neste artigo, percebemos que a participação no jogo enunciativo requisitou dos candidatos familiaridade com o letramento midiático e não apenas com o escolar, visto que esse gênero textual dificilmente é abordado em livros didáticos e nos módulos de conteúdo, utilizados na escola, e raramente discutido ou ensinado nas aulas ministradas pelos professores de Língua Portuguesa/Redação.

Sendo assim, nos deparamos, de um lado, com C1, que conseguiu participar do JEP porque disse ter um HL rico em práticas letradas – midiáticas e familiares. De modo que, ainda que nunca tivesse lido nem escrito uma palestra, tinha experiência com práticas letradas semelhantes às de tal evento, o que talvez tenha favorecido o processo de transposição de práticas de um evento para outro. Por outro lado, com C2, que participou do JEE, provavelmente porque, conforme a entrevista, a sua maior experiência era com práticas letradas escolares frente às configuradas em outras agências.

Esses dados evidenciam, desse modo, que somente o letramento escolar parece não ser suficiente para que os candidatos atendam às práticas requeridas pela prova de redação, para que participem do JEP, o que não significa dizer que esse letramento seja desnecessário e irrelevante para aqueles que aspiram ingressar na UFCG. Na verdade, quando associado a outros letramentos, o escolar pode contribuir com a mobilização de práticas letradas de um evento para outro.

Diante de tais resultados, entendemos ser possível que os vestibulares exijam, na prova de redação, a produção de diferentes gêneros textuais, bem como a mobilização de práticas letradas configuradas em diferentes letramentos, haja vista que as teorias de gêneros e de letramento estão cada vez mais presentes nos centros acadêmicos como também fundamentam os PCNs e, consequentemente, os livros didáticos adotados pelos professores. Além do mais, os candidatos e as pessoas têm, de modo geral, contato diariamente com exemplares de gêneros e não com dissertações escolares.

Sabendo que a escola é vista como uma agência letrada que tem como um de seus objetivos preparar os alunos para ingressarem na universidade e que, conforme verificado nos dados, somente as práticas letradas que lá se configuram parecem não ser suficientes para que o candidato obtenha bom desempenho na prova de redação, parece-nos necessário um redirecionamento teórico e, sobretudo, metodológico no tocante à abordagem de gêneros textuais na escola.

Para isso, é preciso que os professores da academia contribuam com a formação dos docentes que atuam na educação básica, oferecendo para esses cursos de formação continuada, nos quais possam refletir teorico-

metodologicamente sobre os gêneros e, assim, possam abordá-los em sala de aula não como meros objetos de ensino, mas como instrumentos para a construção/produção de conhecimentos. Ademais, possam ampliar sua familiaridade com eventos oriundos das diferentes agências letradas, consequentemente, com as práticas configuradas em tais eventos, o que poderá favorecer o processo de mobilização das mesmas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Ana Lúcia. O professor-leitor, sua identidade e sua práxis. In.: KLEIMAN, Ângela (org.). *A formação do professor*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p. 115-135.

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. Fundamentos da pesquisa etnográfica. In.: *Etnografia da prática escolar*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995. p. 15-69.

BARTON, David e HAMILTON, Mary. Literacy Practices. In.: BARTON, David; HAMILTON, Mary & IVANIC, Roz. *Situated Literacies*. London e New York: Routledge, 2000. p. 07-15.

BAZERMAN, Charles. *Escrita, gênero e interação social*. DIONISIO, Ângela Paiva & HOFFANAGEL, Judith Chambliss (orgs.). São Paulo: Cortez, 2007.

CAMPOS, Samuel. A formação de uma professora sem terra: reflexos do processo na prática escolar. In.: KLEIMAN, Ângela (org.). *A formação do professor*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p. 261-280.

COELHO, Fernanda de Castro Batista. O gênero textual entrevista como uma entre-vista. In.: KLEIMAN, Angela B. & MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (orgs.). *Letramento e formação do professor* – práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005 (Coleção Ideias sobre Linguagem), p.127-142.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura:* inferências e contexto sócio-cultural. FALE – UFMG, Belo Horizonte, 1988. 225p.

GEE, James Paul. The New literacy studies. In.: *Situated Literacies. Reading and Writing in Contex*. London: Routeledge, 2000, p. 180-197.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Narrativas de práticas de leitura: trajetórias da professora alfabetizadora. In.: KLEIMAN, Ângela (org.). *A formação do professor*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p. 69-94.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia et all. Percursos de letramento dos professores: narrativas em foco In.: KLEIMAN, Angela B. & MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (orgs.). *Letramento e formação do professor* – práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005 (Coleção Ideias sobre Linguagem), p.65-92.

KLEIMAN, Ângela B. (org.). Formação do professor: retrospectivas e perspectivas na pesquisa. In.: KLEIMAN, Ângela (org.). *A formação do professor*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p. 13-35.

_____. (org.). *Os significados do letramento*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

LINO, Denise de Araújo. *Um "professor" no horário nobre:* estudo da explicação em telejornais. (Tese de Doutorado Inédita). São Paulo: USP, 2004. p. 128-135.

LOPES, Iveuta de Abreu. *Cenas de letramentos sociais*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, 2006. 221p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In.: SIGNORINI, Inês (org.). *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001. p. 23-50.

MEY, Jacob L. *Vozes da sociedade* – Seminário de pragmática. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

RIBEIRO, Vera Masagão. Uma perspectiva para o estudo do letramento – lições de um projeto em curso. In.: KLEIMAN, Angela B. & MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (orgs.). *Letramento e formação do professor* – práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005 (Coleção Ideias sobre Linguagem), p. 17-40.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

SIGNORINI, Inês. O relato autobiográfico na interação formador/formando. In.: KLEIMAN, Angela B. & MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (orgs.). *Letramento e formação do professor* – práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005 (Coleção Ideias sobre Linguagem), p. 93-126.

SILVA, Elizabeth Maria da Silva & LINO DE ARAÚJO. *Histórico de letramento e práticas letradas em redações de vestibular*. UFCG: Campina Grande, 2009. 171p.

_____. Redação e/ou gêneros textuais: caminhos de produção de textos no vestibular e no ensino médio. In.: *Anais da XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos do Nordeste*, 2006, João Pessoa, p. 35-43.

SOARES, Magda. *Letramento:* um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Edna Guedes de. Dissertação: gênero ou tipo textual? In.: DIONÍSIO, Angela Paiva & BESERRA, Normanda da Silva (orgs.). *Tecendo textos, construindo experiências*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 163-183.

STREET, Brian. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 1- 21.

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In.: KLEIMAN, Ângela. *Os significados do letramento*. Campinas, São Paulo; Mercado de Letras, 1995. p. 91-117.

Leia Escola, Campina Grande, vol. 7, nº 1, 2007 – ISSN 1518-7144